

**A cobertura sobre refugiados no portal G1 sob a perspectiva
do jornalismo para a paz**

*La cobertura sobre refugiados en el portal G1 bajo la perspectiva
del periodismo para la paz*

Jorge SALHANI¹

Resumo

Este estudo investiga a cobertura jornalística feita pelo portal de notícias brasileiro G1 sobre o tema dos refugiados a partir de setembro de 2015, data do falecimento de Alan Kurdi. Como metodologia, foi conduzida uma análise de conteúdo com categorização pensada à luz dos conceitos do jornalismo para a paz. O material foi analisado com base nas seguintes categorias: tipologia de violência, progressão temporal e conjuntura sociopolítica. Os resultados indicam que o G1 explorou a violência estrutural em detrimento da violência direta e seus conteúdos recuperaram informações e abordaram o contexto sociopolítico, mas não de maneira aprofundada. A situação é diferente, entretanto, nos conteúdos publicados em editoriais regionais ou que tratam sobre a situação dos refugiados no Brasil, que tendem a ser mais contextualizados.

Palavras-chave: Análise de conteúdo. G1. Jornalismo para a paz. Refugiados. Síria.

Resumen

Este estudio investiga la cobertura periodística realizada por la página web brasileña de noticias G1 sobre el tema de los refugiados a partir de septiembre de 2015, fecha del fallecimiento de Alan Kurdi. El material fue sometido a un análisis de contenido con una categorización inspirada por los conceptos del periodismo para la paz. Las categorías son: tipología de violencia, progresión temporal y coyuntura socio-política. Los hallazgos indican que el G1 exploró la violencia estructural en detrimento de la directa, y sus contenidos incluyen informaciones de contextualización, pero no de manera profundizada. Sin embargo, los contenidos de secciones regionales o aquellos que tratan sobre la situación de los refugiados en Brasil suelen ser más contextualizados.

Palabras clave: Análisis de contenido. G1. Periodismo para la paz. Refugiados. Siria.

¹ Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) e em Jornalismo de Agência pela Universidad Carlos III de Madrid (UC3M). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: jorge.salhani@unesp.br

Introdução

Muitas vezes, quando guerras ou conflitos atingem um país, seus residentes se veem obrigados a partir rumo a uma região diferente, na esperança de encontrar proteção e, conseqüentemente, uma qualidade de vida melhor. Estas pessoas, ao tentarem escapar da situação crítica que vivem, arriscam suas próprias vidas sem ter a certeza de que conseguirão chegar a seus destinos e receber a ajuda humanitária desejada.

Suas jornadas são marcadas por diversos tipos de violência: em um primeiro momento, sofrem a violência física, tanto em seus países de origem, ao terem que enfrentar os conflitos, quanto durante os percursos, ao encontrarem repressão policial, especialmente nas fronteiras, acompanhada de ações violentas. Somam-se a ela a violência gerada pelas estruturas de poder, que dificultam a chegada dessas pessoas nos novos países por meio, por exemplo, de políticas anti-migratórias, e a violência cultural, que legitima preconceitos e a discriminação.

Milhões de pessoas sírias passaram por estas situações após o início de uma guerra civil no país, em 2011. De acordo com o ACNUR, a agência das Nações Unidas para os refugiados, o ano de 2015 viu o auge do que foi chamado pela mídia de “crise dos refugiados” (UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES [UNHCR], s.d. a), quando a expectativa de vida na Síria decresceu em mais de 15 anos (SYRIAN CENTRE FOR POLICY RESEARCH [SCPR], 2016).

Com o aumento exponencial das cifras de mortos e de pessoas que tentavam cruzar o mar Mediterrâneo para chegar à Europa, os refugiados se tornaram um fenômeno midiático de caráter global. A fotografia do menino sírio Alan Kurdi, de três anos de idade, encontrado morto em uma praia na Turquia, alavancou a repercussão do tema e se transformou em seu símbolo (RUBLECKI; HAUPENTHAL, 2017).

Este trabalho se dedica a levantar reflexões a respeito da cobertura midiática sobre os refugiados, especialmente os sírios, a partir de 2015, tomando como corpus as publicações do portal de notícias brasileiro G1 sobre o tema. O material foi estudado por meio da metodologia da análise de conteúdo, atrelada aos conceitos do jornalismo para a paz (*Peace Journalism*). As categorias utilizadas na análise de conteúdo foram: tipologias de violência, progressão temporal e conjuntura sociopolítica.

Os objetivos desta pesquisa são, primeiramente, identificar as características específicas da cobertura do G1 sobre os refugiados a partir de conceitos inspirados pelo jornalismo para a paz e, posteriormente, refletir sobre o processo de produção jornalística nesse portal de notícias.

1 Os refugiados e a repercussão midiática

Refugiados, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), são aquelas pessoas que deixam os seus países devido a temores por perseguição, conflitos, violência ou outras circunstâncias que perturbam a ordem pública (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS [ONU], 2016). Tais pessoas, ao cruzarem uma fronteira, solicitam asilo em busca de proteção internacional.

A agência da ONU para os refugiados (ACNUR) ressalta que os termos “refugiados” e “migrantes” não são intercambiáveis: enquanto os últimos saem de seus territórios de origem de maneira voluntária - em busca de melhor qualidade de vida, por exemplo - e podem regressar a eles, os refugiados o fazem forçadamente (ONU, 2016).

Até o final de 2018, estimava-se que 74,7 milhões de pessoas se viram obrigadas a se deslocar a outras regiões de seus próprios países ou a outras nações (UNHCR, s.d. b). Dessa cifra, 41,4 milhões eram deslocados internos, 20,3 milhões eram refugiados e 3,5 milhões eram solicitantes de asilo. Dados de 2019 (ACNUR, s.d.) mostram que os refugiados procedem, majoritariamente, de três países: Síria (6,7 milhões), Afeganistão (2,7 milhões) e Sudão do Sul (2,3 milhões). Em relação aos países que mais recebem refugiados, Turquia encabeça a lista, com 3,7 milhões em seu território, seguida por Paquistão, Uganda, Sudão e Alemanha (ACNUR, s.d.).

O Brasil, segundo relatório do Ministério da Justiça e Segurança Pública, reconhecia, até o ano de 2018, 11.231 pessoas como refugiadas, sendo 51% delas de origem síria (REFÚGIO..., 2019). Nesse mesmo ano, tramitavam mais de 161 mil pedidos de refúgio no país. Entre as pessoas às quais lhes foi concedido o status de refugiadas em 2018, 15,8% eram menores de idade.

A pauta dos refugiados ganhou grande destaque midiático a partir de 2015, ano em que foi registrada a maior movimentação de refugiados que cruzaram o mar Mediterrâneo em direção à Europa (UNHCR, s.d. a). Somente no mês de outubro desse ano, mais de 222 mil pessoas tentaram fazer esse trajeto.

Esses dados foram impulsionados, principalmente, pela conjuntura da Síria, país que se encontra, desde 2011, em uma guerra civil. Desde o início dos conflitos, mais de 5,6 milhões de pessoas sírias abandonaram suas casas em direção a países como Turquia, Líbano e Jordânia, especialmente (UNHCR, s.d. c). Ainda segundo a agência da ONU, 6,6 milhões de pessoas se deslocaram internamente e mais de 13 milhões carecem de ajuda humanitária.

A Guerra Civil Síria se origina em um contexto marcado pelas manifestações populares da Primavera Árabe no norte da África e Oriente Médio. Os protestos, de forma geral, buscavam denunciar e acabar com a falta de democracia nessas regiões. Na Síria, especificamente, tinham como objetivo a destituição do presidente Bashar al-Assad, que governa o país desde 2000. As manifestações sofreram violenta repressão por parte do governo (ÁLVAREZ-OSSORIO, 2016), e desencadearam embates entre aliados e opositores de al-Assad.

Além disso, o país se viu em meio às ações de grupos jihadistas. A criação da Frente al-Nusra, em 2012, visava, com a queda do presidente, estabelecer um emirado islâmico na Síria. Também passa a atuar com frequência no país o Estado Islâmico, grupo radical que buscava, mediante atos de violência, a conquista de territórios onde instituiria a Sharia, a lei religiosa do islamismo.

A cifra estimada de mortes ocasionadas pela Guerra Civil chegou a 470 mil em 2015, segundo relatório do Centro Sírio de Pesquisa Política (SCPR, 2016). O mesmo documento aponta que 11,5% da população síria foi ferida ou morta devido aos conflitos armados. A expectativa de vida da população decaiu de 70,5 anos em 2010 para 55,4 em 2015 (SCPR, 2016). Além das centenas de milhares de mortes causadas pela guerra, muitas outras pessoas faleceram ao tentar se refugiar em outros países. Somente em 2016, mais de 5 mil pessoas morreram ou desapareceram durante essas tentativas (UNHCR, s.d. b).

O acontecimento que teve maior repercussão na mídia foi a morte de Alan Kurdi, menino sírio de três anos de idade. A reverberação do caso nas notícias mundiais foi incentivada por uma imagem tomada pela fotógrafa turca Nilüfer Demir, que retratou o menino, sem vida, de bruços contra a areia de uma praia na região de Bodrum, no litoral da Turquia.

Kurdi faleceu no dia 2 de setembro de 2015, junto a sua mãe e irmão. A família, de origem curda, havia deixado o território turco em um barco com destino à Grécia, com

a intenção de, posteriormente, se reencontrar com parentes que viviam no Canadá (WALSH, 2015).

A foto de Alan Kurdi colocou no centro das discussões as condições das pessoas que chegavam à Europa pelo Mediterrâneo e se tornou, segundo Rublescki e Haupenthal (2017), um símbolo dessa problemática. A situação dos refugiados sírios foi enquadrada pelos meios de comunicação como uma “crise”, na qual essas pessoas eram vistas como vulneráveis ou como forasteiros perigosos (NERGHES; LEE, 2019, p. 276).

A foto de Aylan Kurdi choca, mas também colocou em pauta o que está acontecendo na Europa e vai muito além de dados oficiais ou projeções estatísticas. A imagem mostra não só a perda de uma vida, mas, também, um caso de desespero que se torna uma realidade mesmo daqueles que não se encontram nesta situação (RUBLECKI; HAUPENTHAL, 2017, p. 18).

Nerghes e Lee (2019) afirmam que, a partir dos anos 2000, a representação midiática de refugiados e imigrantes se tornaram cada vez mais negativas e que os veículos da mídia tendem a pôr ênfase nas possíveis ameaças que tais pessoas apresentam à sociedade. Na mesma linha de pensamento, Cogo (2007) ressalta que é comum, na mídia, associar as pessoas refugiadas com crimes, conflitos, ilegalidade e clandestinidade. Essas imagens, de cunho negativo, criam uma sensação de temor em relação aos refugiados, que pode levar a sentimentos como o desprezo e o ódio (LARIO BASTIDA, 2008).

2 Metodologia

O método de pesquisa empregado no desenvolvimento deste estudo foi a análise de conteúdo, com base nas teorias de Bardin (2011). Foram trabalhadas as três etapas desta metodologia descritas pela autora: a pré-análise, a exploração do material e a interpretação dos dados, que foram analisados de maneira quantitativa e qualitativa.

Este trabalho aplicou a análise de conteúdo em conteúdos selecionados do portal de notícias G1². Escolheu-se o site jornalístico G1 por este ser um dos principais produtores de conteúdos noticiosos online do Brasil e parte de uma das empresas de radiodifusão de maior abrangência em território nacional, o Grupo Globo. Além disso, o portal disponibiliza o seu conteúdo gratuitamente.

² Página inicial do portal de notícias G1: <https://g1.globo.com/>. Acesso em 13 jul 2021.

Durante a fase da pré-análise, foi feito um levantamento de todos os conteúdos publicados no G1 que apresentavam os seguintes critérios: 1. conter o termo “Aylan Kurdi” ou “Alan Kurdi” (a mídia se referiu ao menino das duas maneiras, devido à transliteração de seu nome em árabe), publicados entre setembro de 2015 e dezembro de 2018; 2. conter o termo “refugiado” ou “refugiada” (e também seus plurais), publicados entre 2 de setembro de 2015 e 9 de setembro de 2015, semana da morte de Alan Kurdi; e 3. conter o termo “Síria”, publicados na semana do falecimento de Kurdi.

Foram encontrados 155 conteúdos que correspondiam aos critérios estabelecidos, dos quais foram considerados para integrar o corpus deste estudo apenas aqueles produzidos exclusivamente para o site G1, isto é, não foram incluídos os materiais procedentes de programas da Rede Globo de Televisão, como Fantástico ou Jornal Nacional nem os escritos por agências de notícias. Artigos de opinião também não compuseram o corpus. Após esta filtragem, 45 materiais passaram a uma posterior análise.

A etapa seguinte compreendeu a criação das categorias da análise de conteúdo. Elas foram pensadas a partir de um critério de categorização semântico e inspiradas pelas discussões sobre o jornalismo para a paz (*Peace Journalism*). Este conceito é trabalhado nesta pesquisa a partir dos estudos de Galtung (1998; 2006), Lynch e McGoldrick (2005) e Shinar (2008).

O modelo teórico do *Peace Journalism* pode ser definido - mas não somente - pelas seguintes características: primeiramente, conteúdos noticiosos pensados sob esta perspectiva abordam todos os níveis da violência, especialmente a violência estrutural e cultural - e não somente a violência direta, isto é, os seus efeitos mais facilmente percebidos. Além disso, ele tende a abordar as pautas em suas complexidades, explorando os seus precedentes e também suas possíveis consequências - diferentemente de um jornalismo de guerra ou de violência, em que é dado destaque unicamente ao momento em que ocorre um evento. Este último modelo costuma dar preferência a depoimentos institucionais, governamentais e de pessoas com altos cargos de poder. O jornalismo para a paz, por sua vez, prioriza as perspectivas da sociedade civil.

Shinar (2008) explica que o modelo do jornalismo para a paz está ligado à democracia por prezar por coberturas mais justas e precisas, em um contexto em que o jornalismo, muitas vezes, suscita o ódio e a violência (GALTUNG, 1998).

Com base nas teorias do jornalismo para a paz, este estudo trabalhou com as seguintes categorias: 1. tipologia de violência; 2. progressão temporal; e 3. conjuntura sociopolítica. A primeira diz respeito ao tipo de violência (direta, estrutural ou cultural) abordado pelo conteúdo jornalístico analisado e se elas apareceram de maneira primária ou secundária. A segunda categoria verificou se as notícias focam exclusivamente no presente ou se recuperam, de maneira aprofundada ou breve, algum histórico relacionado aos acontecimentos. Na última categoria, investigou-se se a publicação apresenta detalhes sobre o contexto social e/ou político no qual sucederam os eventos.

Todos os 45 conteúdos foram submetidos às três categorias anteriores. A partir dessas análises, iniciou-se a etapa de interpretação e inferência sobre os resultados, com o objetivo de verificar as características e certos padrões na cobertura feita pelo G1 sobre os refugiados.

3 Descrição dos resultados

Análises iniciais mostraram que, dos 45 conteúdos do G1, apenas nove (45%) levam a assinatura de um jornalista - e, desses, oito abordam o tema dos refugiados em âmbito brasileiro. A maioria das matérias (68,8%) foi publicada na editoria *Mundo*. Foram publicadas, nas editorias regionais do G1, 22,2% do total. O restante foi inserido em outras seções, como *Música*, *Educação* e *Política*.

Todos os conteúdos analisados eram textuais e fizeram o uso de fotografias 132 vezes (uma média de 2,93 fotos por matéria): 65,9% das imagens são oriundas de agências de notícias internacionais, principalmente Reuters, Associated Press e Agence France-Presse. Por sua vez, fotografias produzidas pelo próprio G1 totalizaram 20,4%. As outras imagens tinham procedências distintas, como arquivos pessoais, imagens cedidas ou reprodução de outros sites.

O portal utilizou o recurso de vídeo 34 vezes. Os vídeos adicionados às matérias eram, majoritariamente, produções do G1 a partir de imagens de agências internacionais ou conteúdos, como reportagens veiculadas pela Rede Globo e suas afiliadas.

Cruzando os dados apresentados, temos que, entre as 36 matérias não assinadas, 28 (77,7%) foram publicadas na editoria *Mundo*. Entre as fotografias encontradas nesses conteúdos, há apenas uma foto produzida pelo G1 (desconsiderando aquelas que consistem em reproduções de vídeos da Rede Globo). A taxa de fotografias de agências

de notícias entre as matérias não assinadas é de 2,30 fotos por matéria. Entre as matérias assinadas, a situação é inversa: há uma taxa de 2,88 fotos de autoria própria por matéria e apenas quatro são provenientes de agências internacionais.

4 Discussões

Foi possível identificar um perfil na cobertura feita pelo G1 sobre os refugiados do Oriente Médio: primeiramente, notou-se que a maioria dos conteúdos são pertencentes à editoria *Mundo*, que aborda temas não relacionados ao Brasil. Isso se deve, a princípio, pelo caráter intrinsecamente internacional da pauta estudada, isto é, além de a problemática se passar na Síria, suas consequências afetam, principalmente, seus países vizinhos, como Turquia, e os países europeus, para onde grande parte dos refugiados se deslocam. O corpus analisado é composto principalmente por matérias que abordam os desdobramentos da Guerra Civil Síria, a movimentação de pessoas refugiadas e a repercussão desses temas.

Por esta razão, a maioria das matérias do G1 utiliza informações provenientes de agências de notícias e outros veículos de comunicação internacionais e é assinada não por um jornalista específico, mas pela redação na qual o conteúdo foi produzido. Inferir-se, a partir das análises, que o portal identifica o nome de um repórter nas ocasiões em que seja possível o seu contato direto com as fontes, com o fim de obter informações exclusivas para o veículo. Essas matérias abordam, geralmente, os impactos dos conflitos da Síria no Brasil, explorando histórias de refugiados que vivem no território brasileiro ou aquelas que tenham certa relação com o país.

No corpus, há cinco matérias que, embora tragam temas relacionados à vida dos refugiados no Brasil, são assinadas por redações regionais, como G1 Paraná ou G1 Rio Preto e Araçatuba, e não levam o nome de um jornalista.

Também pelo distanciamento geográfico, o site de notícias utiliza, com maior frequência, fotografias provenientes de agências internacionais em vez de aquelas de autoria própria. Por ser um meio de comunicação que dá destaque a notícias do Brasil a nível nacional, regional e local, as fotografias produzidas pelo G1 se encontram, quase que exclusivamente, nas matérias que têm alguma relação com o país, nas quais o veículo teve a possibilidade de fotografar algo. O trabalho das agências de notícias, por sua vez, é buscar informações de todos os lugares, por meio de seus vários correspondentes, para

assim vender os seus conteúdos, textuais e audiovisuais, a outros meios de comunicação, o que as torna fonte principal tanto de informações quanto de conteúdos imagéticos do G1.

4.1 Tipologia de violência

As matérias analisadas priorizam a abordagem da violência a nível estrutural. Isto se explica por elas trazerem informações sobre uma problemática que é, por si mesma, gerada pelas estruturas de violência, ou seja, apesar dos levantamentos das mortes decorrentes das tentativas de travessia do mar Mediterrâneo, não há um agressor específico que possa ser identificado, o que não configura a situação como violência direta. O “agressor”, nesses casos, é a estrutura social em que se encontra a Síria, marcada por conflitos, perseguição política e pobreza, que força as pessoas a deixarem suas casas.

A violência estrutural, de acordo com Galtung (1969), tem a ver com os poderes desiguais: a devastação das cidades na Síria demonstra que as relações de poder entre grupos pró-governo, grupos de oposição e grupos jihadistas interferem na qualidade de vida da sociedade civil. Uma das matérias, por exemplo, traz dados do UNICEF sobre as consequências dos conflitos na vida escolar em países do Oriente Médio e África, o que consistiria em uma forma de violência estrutural.

A violência direta é explorada com menor frequência nos conteúdos do G1, principalmente naqueles que abordam confrontos entre grupos opositores, as destruições causadas pelas guerras e situações em que podem ser identificados os agentes que provocaram mortes ou agressões. Este é o caso de um texto que relata a agressão, por parte de uma cinegrafista de uma emissora de televisão húngara, a uma pessoa refugiada na Sérvia.

A única matéria que teve como foco a violência cultural foi *Peça publicitária na PB usa foto de menino sírio morto e causa polêmica*³ (14 out. 2015). O texto traz o caso de uma agência de publicidade da Paraíba que produziu um outdoor com a foto de Alan Kurdi, em razão do Dia das Crianças. A ação, criticada pela Associação Brasileira de Agências de Publicidade na Paraíba e por internautas, trata-se de um caso de violência cultural pois aborda a violência em nível simbólico, por meio da comunicação, e não por

³ Disponível em <https://glo.bo/2U72Fhw>

meio de agressões diretas (violência direta) ou estruturas de desigualdades (violência estrutural).

É possível afirmar, ao relacionar os resultados com os estudos sobre o jornalismo para a paz, que a cobertura sobre os refugiados sírios do G1, no caso específico das tipologias de violência, aproxima-se mais ao *Peace Journalism* que ao jornalismo de guerra. Uma cobertura direcionada a este último modelo jornalístico priorizaria acontecimentos pontuais que destacassem mortes e conflitos como eventos isolados e desconsiderassem a situação em sua completude.

Os conteúdos do G1, por cobrirem um tema internacional e, assim, terem sido escritos com base em informações obtidas por outros veículos de comunicação, caracterizam-se por serem, no geral, breves e por pretender, principalmente, informar um público não segmentado, que não tem grande proximidade com o tema, especialmente pelo distanciamento geográfico. Dessa maneira, o portal tende a destacar os estratos mais visíveis da violência, sem apresentar materiais que reflitam sobre a violência a nível cultural. Por ser dificilmente percebida, a violência cultural poderia ser encontrada, talvez com mais frequência, em textos opinativos e editoriais, que não foram considerados para as análises da presente pesquisa.

4.2 Progressão temporal

As análises mostraram que o portal G1 trabalhou, durante a sua cobertura sobre o tema dos refugiados sírios, com a recuperação de informações e dados que fazem pano de fundo aos assuntos tratados. Há uma tendência, no entanto, de as matérias recuperarem tais informações brevemente, sem se estenderem sobre elas. Com base nisso, é possível afirmar que apenas 10 matérias (22%) se debruçam sobre dados prévios com detalhamento e seguem à risca o modelo do jornalismo para a paz. Seis textos (13,3%) se aproximam mais do jornalismo de violência, por não incluírem, nem ao menos de maneira breve, informações de *background*.

De forma geral, as informações que são recuperadas pelos textos têm a ver com precedentes relacionados ao tema dos refugiados sírios, dados sobre o fluxo de refugiados na Europa e histórico da Guerra Civil Síria e de personagens específicos, como o pai de Alan Kurdi, Abdullah Kurdi. Este último exemplo pode ser visto no trecho abaixo,

resgatado da matéria *Pai de menino sírio morto em praia fala a brasileiro sobre tragédia familiar*⁴ (1 nov. 2015).

A jornada que levou a família Kurdí até o barco com destino à Grécia é longa e remete ao começo da guerra na Síria, em 2011. Abdullah tinha uma barbearia em Damasco, mas, com o início dos confrontos, decidiu se mudar com a mulher para Kobane, onde tinham familiares.

O baixo número de matérias que aprofundam na recuperação de dados deve ser pensado dentro do contexto jornalístico no qual foram produzidas. Uma das características principais do jornalismo online, conforme apontam pesquisadores sobre o tema, como Canavilhas (2003) e Hall (2001), é a hipertextualidade. Este termo se refere à possibilidade de redirecionar o leitor, enquanto ele visualiza um conteúdo jornalístico, a outras fontes de informação. A partir dessa ferramenta, o jornalista que redige uma matéria tem a alternativa de, em vez de acrescentar informações adicionais, incluí-las como hiperlinks, que deixam a cargo do leitor o seu acesso. O autor pode tanto indicar ao leitor as fontes originais utilizadas no texto quanto fazê-lo permanecer no domínio do veículo, levando-o a acessar publicações com temas correlatos.

Pôde ser visto, no G1, que as matérias que levam a assinatura de um jornalista tendem a recuperar informações de maneira mais detalhada: enquanto 16,6% dos conteúdos não assinados trazem informações passadas aprofundadas, 44,4% dos textos assinados o fazem. Neste último grupo, nenhum conteúdo deu enfoque exclusivo ao tempo presente.

Ao comparar a maneira como as matérias publicadas na editoria *Mundo* e as das editorias regionais do G1 recuperam informações, observou-se que ambos os grupos de conteúdos têm características semelhantes (o segundo grupo conta com matérias um pouco mais aprofundadas, conforme mostra a tabela 1).

Tabela 1 - Recuperação de informações nas matérias da editoria *Mundo* e editorias regionais no G1

	Matérias da editoria <i>Mundo</i> %	Matérias de editorias regionais %	Geral %
Foco exclusivo no presente	14,28	10	13,33

⁴ Disponível em <https://glo.bo/3xQyz08>

Recupera informações de forma aprofundada	20	30	22,22
Recupera informações de forma breve	65,71	60	64,44
Total de matérias que recupera informações	85,71	90	86,66

Fonte: elaborada pelo autor

No caso dos conteúdos que abordam a temática dos refugiados no Brasil, os textos se mostraram mais aprofundados, principalmente por trazerem informações sobre a vida dos personagens entrevistados nas matérias. Todas elas recuperaram informações passadas (enquanto, no total do corpus, 86,6% o fizeram). Os dados completos aparecem na tabela 2.

Tabela 2 - Recuperação de informações nas matérias do G1 sobre refugiados no Brasil

	Índice de presença %	Geral %
Foco exclusivo no presente	0	13,33
Recupera os fatos de forma aprofundada	33,33	22,22
Recupera os fatos de forma breve	66,66	64,44
Total	100	86,66

Fonte: elaborada pelo autor

4.3 Conjuntura sociopolítica

O fazer jornalístico na internet demanda, em muitos casos, que conteúdos sejam produzidos e publicados imediatamente após sucedem as ocorrências. Infere-se que esse seja um dos motivos pelos quais poucos conteúdos do G1 exploram com profundidade a

conjuntura social e política relacionada ao tema dos refugiados. A maioria dos conteúdos, entretanto, faz uma contextualização de forma breve.

Uma das estratégias do portal de notícias foi a publicação de várias matérias distintas, ainda que breves, sobre as movimentações de pessoas da Síria até a Europa. Em outras palavras, o site, em vez de publicar conteúdos com detalhes, prefere realizar a redação vários que se complementam entre si. Assim, uma pessoa que se informa pelo G1 se manteria contextualizada não somente lendo uma matéria, mas acompanhando, com assiduidade, as publicações feitas pelo portal.

O G1 traz, com maior frequência, contextualização sobre a conjuntura social em comparação com a política. Um exemplo do primeiro caso vem da matéria *Refugiados da Síria que vivem em Curitiba falam sobre a guerra*⁵ (7 set. 2015), apresentado no trecho abaixo. O texto não somente conta o relato de um refugiado sírio que vive em Curitiba, mas aborda detalhes sobre o contexto social da Síria, como dados referentes ao número de refugiados e a pobreza no país.

Estimativas da ONU apontam que mais de 7 milhões de sírios abandonaram suas residências dentro do país [Síria] e quase 60% da população vive na pobreza. Os trágicos números refletem na alta taxa de emigração do país – seriam 4 milhões de refugiados sírios, a maior população de refugiados do mundo.

Nas matérias que abordam com profundidade o contexto político, as políticas migratórias europeias e brasileiras são tema mais comum, especialmente no que tange à solicitação de visto ou asilo nesses países, conforme apresentado no seguinte trecho, retirado do texto *EUA vão financiar aulas de português para refugiados sírios em SP*⁶ (10 set. 2015).

Nesta quinta, a presidente Dilma Rousseff escreveu num artigo, publicado no jornal "Folha de S.Paulo", que o Brasil está de "braços abertos" para acolher refugiados. Segundo ela, "quando grandes crises se abateram sobre a Europa e sobre o Oriente, as portas do Brasil estiveram abertas para todos".

Com respeito à contextualização sociopolítica, especificamente, pode-se observar, no G1, elementos do jornalismo para a paz e do jornalismo de guerra. Ao mesmo tempo

⁵ Disponível em <https://glo.bo/3wy6lpP>

⁶ Disponível em <https://glo.bo/2TYFZjz>

que não se pode afirmar que o conteúdo do portal segue estritamente o primeiro modelo, já que somente oito matérias contextualizam os temas de maneira aprofundada, também não seria correto dizer que o material analisado é fiel ao segundo modelo, por o portal trazer, ainda que de forma breve, contextualização na maioria de seus conteúdos.

As matérias publicadas em seções regionais se mostraram mais contextualizadas que aquelas da seção *Mundo*: 90% das matérias desse primeiro grupo exploraram a conjuntura social relacionada ao fato abordado na matéria, enquanto somente 51,42% do segundo grupo o fizeram. A profundidade das informações também é maior nas matérias de editorias regionais, como pode ser verificado na tabela 3.

Tabela 3 - Contextualização sociopolítica nas matérias da editoria *Mundo* e editorias regionais no G1

	Matérias da editoria <i>Mundo</i> %	Matérias de editorias regionais %	Geral %
Menciona com profundidade o contexto social	5,71	20	8,88
Menciona brevemente o contexto social	45,71	70	51,11
Menciona contexto social	51,42	90	60
Menciona com profundidade o contexto político	5,71	20	8,88
Menciona brevemente o contexto político	34,28	10	28,88
Menciona contexto político	40	30	37,77
Não contextualiza	31,42	10	26,66

Fonte: elaborada pelo autor

Foi observado um padrão, também, nos conteúdos que são assinados por um jornalista: a maioria das matérias desse grupo tem uma abordagem social, e não política

(o contexto social é explorado em todas elas, enquanto o político, somente em 22,2%). Isso se justifica pelo fato de que, nas matérias assinadas, os jornalistas contaram histórias sobre as vidas de algumas pessoas refugiadas, entrevistando-as diretamente. Por sua vez, as matérias não assinadas abordaram o contexto político mundial, como informações sobre políticas migratórias e decisões de líderes de estado, fazendo o uso, com frequência, de informações provenientes de agências de notícias.

Essa situação é refletida nas matérias que abordam, especificamente, a vida dos refugiados no Brasil. Todas falam do contexto social, mesmo que superficialmente. Entretanto, a maioria desses conteúdos têm como foco a adaptação de personagens específicos nos estados brasileiros, e não se aprofundam na conjuntura social do Brasil ou dos seus países de origem. Há matérias que dão informações detalhadas sobre a conjuntura política, explicando, por exemplo, decisões do governo brasileiro a respeito dos pedidos de refúgio. A tabela 4 traz um detalhamento desses dados.

Tabela 4 - Contexto sociopolítico nas matérias do G1 sobre refugiados no Brasil

Conjuntura sociopolítica	Índice de presença %	Geral %
Aborda o contexto social com profundidade	11,11	8,88
Aborda brevemente o contexto social	88,88	51,11
Aborda o contexto social	100	60
Aborda o contexto político com profundidade	33,33	8,88
Aborda brevemente contexto político	0	28,88
Aborda o contexto político	33,33	37,77
Não contextualiza	0	26,66

Fonte: elaborada pelo autor

Considerações finais

Embora o jornalismo para a paz seja visto, primeiramente, como um conjunto de diretrizes para os profissionais da comunicação, seus conceitos foram utilizados, no presente trabalho, como um modelo teórico para guiar uma análise de conteúdo, a fim de contribuir com reflexões sobre o processo de produção jornalística de um determinado veículo de comunicação.

Considero relevante o uso das teorias do jornalismo para a paz, assim como da área de estudos que o engloba - os Estudos para a Paz (*Peace Studies*) -, para fomentar discussões sobre as relações entre os meios de comunicação e a violência. Pesquisas científicas que abordam a cultura de violência no jornalismo, além de ajudarem a entender as dinâmicas de mercado e possibilitar a identificação de padrões na atuação da mídia, colaboram para o entendimento e reflexão sobre a conjuntura política, econômica e social.

Referências

- ACNUR. Dados sobre refúgio. S.d. Disponível em <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio>. Acesso em 13 jul. 2021.
- ÁLVAREZ-OSSORIO, I. **Síria: revolución, sectarismo y yihad**. Madri: Catarata, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- CANAVILHAS, J. **Webjornalismo**. Considerações gerais sobre jornalismo na web. In: FIDALGO, A.; SERRA, J. P. (Orgs.). *Informação e comunicação online vol. 1 – Jornalismo online*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003. p. 63-73.
- COGO, D. **Migrações contemporâneas como movimentos sociais: uma análise desde as mídias como instâncias de emergência da cidadania dos migrantes**. *Fronteiras – Estudos Midiáticos*, v. 9, n. 1. p. 64-73. 2007.
- GALTUNG, J. Violence, peace, and peace research. **Journal of Peace Research**, v. 6, n. 3, p. 167-191, 1969.
- GALTUNG, J. High road, low road: charting the course for Peace Journalism. **Track Two**, v. 7, n. 4, p. 1-5, 1998.
- GALTUNG, J. Peace journalism as an ethical challenge. **Global Media Journal: Mediterranean Edition**, v. 1, n. 1, p. 1-5, 2006.

HALL, J. **Online journalism: a critical primer**. Londres: Pluto Press, 2001.

LARIO BASTIDA, M. La representación de la inmigración y de los inmigrantes en la prensa y en la radio. Estado de la cuestión. In: BAÑÓN HERNÁNDEZ, A. M.; FORNIELES ALCARAZ, J. (Eds.). **Manual sobre comunicación e inmigración**. Tercera Prensa, 2008. p. 195-213.

LYNCH, J.; MCGOLDRICK, A. **Peace journalism**. Stroud: Hawthorn Press, 2005.

NERGHES, A.; LEE, J. Narratives of the refugee crisis: a comparative study of mainstream-media and Twitter. **Media and Communication**, v. 7, n. 2, p. 275-288, 2019.

ONU. Qual a diferença entre ‘refugiados’ e ‘migrantes’? 3 maio 2016. Disponível em <https://nacoesunidas.org/qual-a-diferenca-entre-refugiados-migrantes>. Acesso em 13 jul. 2021.

REFÚGIO em números. Ministério da Justiça e Segurança Pública: Brasília. 2019. – 4 ed. Disponível em: https://legado.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/RefugioemNumeros_2018.pdf. Acesso em 13 jul. 2021.

RUBLECKI, A.; HAUPENTHAL, M. **Mediatização na crise migratória: a cobertura dos meninos Aylan Kurdi e Omran Daqneesh**. Rizoma, v. 5, n. 1, p. 8-21, 2017.

SCPR. **Confronting fragmentation!** Impact of Syrian crisis report. Syrian Center for Policy Research, 2016.

SHINAR, D. **Mídia democrática e jornalismo voltado para a paz**. Líbero, ano XI, n. 21, p. 39-48, 2008.

UNHCR. Mediterranean situation. S.d. a. Disponível em: <https://data2.unhcr.org/en/situations/mediterranean>. Acesso em 13 jul. 2021.

UNHCR. UNHCR Statistics. S.d. b. Disponível em: <http://popstats.unhcr.org/en/overview>. Acesso em 13 jul. 2021.

UNHCR. Syria emergency. S.d. c. Disponível em: <https://www.unhcr.org/syria-emergency.html>. Acesso em 13 jul. 2021.

WALSH, B. **Alan Kurdi's story**: behind the most heartbreaking photo of 2015. Time, 29 dez. 2015. Disponível em <http://time.com/4162306/alan-kurdi-syria-drowned-boy-refugee-crisis>. Acesso em 13 jul. 2021.